

* 1 NOV. 1993

O desafio do desemprego

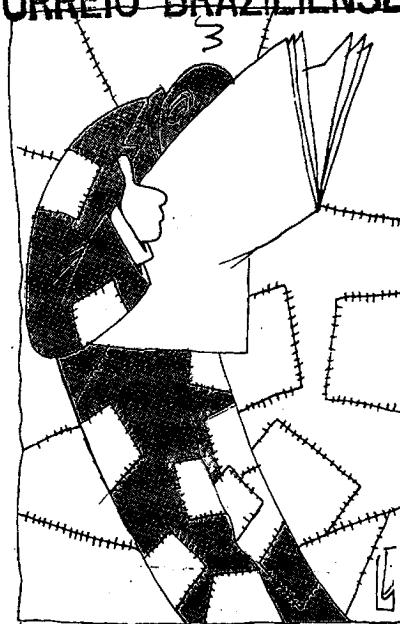
Luiz Estevão de Oliveira Neto

Impõe-se às lideranças mundiais, e notadamente aos brasileiros comprometidos com o futuro do País, um desafio colossal: como enfrentar o aterrador fantasma do desemprego, que ameaça inviabilizar a sociedade moderna na virada do milênio? Consequência direta da associação entre o desenvolvimento tecnológico e o crescimento da produtividade, a redução dos postos de trabalho a nível mundial não escolhe fronteiras ou modelos econômicos.

A Europa Ocidental, por exemplo, vive hoje mergulhada em sérias conturbações sociais, geradas pelo desemprego. A Espanha tem 22 por cento de sua população economicamente ativa sem ocupação. Na Irlanda são 18 por cento. Em cinco outros países da Comunidade Econômica Europeia e até no próspero Canadá o índice ultrapassa a casa dos dez por cento. Em nações como França, Itália ou Inglaterra, um em cada dez cidadãos em plena fase produtiva da vida não tem como ganhar o seu pão.

Tal fantasma, de extrema periculosidade, tem ainda o agravante de gerar subprodutos igualmente maléficos na Europa assustada e impotente. Não é por acaso que se vê o recrudescimento de fenômenos como o racismo, a xenofobia e o neonazismo. As máquinas substituem o ser humano no campo, nas indústrias e nos escritórios, sem que ninguém encontre uma forma de compatibilizar esta evolução tecnológica com padrões de sociedades modernas e capazes de valorizar o homem

CORREIO BRAZILIENSE



e sua força de trabalho.

Os números falam por si. Somente a gigante General Motors, que chegou a empregar 500 mil pessoas em todo o mundo, hoje tem pouco mais de 250 mil trabalhadores em suas fábricas, anunciando para os próximos anos mais e mais dispensas.

Em minhas andanças pela nossa cidade, tenho testemunhado o drama do desemprego. É angustiante ver tantos homens e mulheres, fortes e dispostos, sem a chance de uma ocupação. Pedindo um emprego para seus maridos ou esposas, filhos e filhas. Gente pronta a produzir, mas que tem esta oportunidade negada pelo modelo econômico injusto e discriminador.

A recessão brasileira os deixou privados do elemento primordial no

seu equilíbrio familiar: o emprego, o trabalho, que oferecerá aos seus filhos uma perspectiva menos sombria do futuro. Brasília, dona de um dos maiores índices de crescimento demográfico, mercê de sua vocação para pólo das migrações populacionais, sofreu duramente os impactos da crise econômica.

Trata-se agora de retomar o desenvolvimento e explorar ao máximo a potencialidade do País, em benefício da maioria dos seus cidadãos. Há caminhos distintos a serem seguidos. A tendência nos países do chamado Primeiro Mundo é se caminhar para um cenário, na virada do século, onde a semana de 30 horas será dominante. Para que as nações possam empregar mais pessoas, será necessário, forçosamente, que aqueles que já têm ocupação trabalhem menos tempo.

Precisamos ter em mente que o desemprego não é um acidente, transitório e feroz. Ele veio para ficar, fenômeno de proporções internacionais, e só será debelado se houver o compromisso da sociedade por mudanças eficazes nas relações de trabalho. Patrões e empregados devem dar-se as mãos e sentarem-se à mesa de negociação para discutir, além de ganhos salariais, a geração de novos postos de trabalho. A retomada do desenvolvimento é um dos caminhos, mas a ampliação da oferta de emprego tende a passar, também, pela redução gradual e calculada da jornada de trabalho.

■ Luiz Estevão de Oliveira Neto é diretor-superintendente do Grupo OK e presidente da Fundação Luiz Estevão.